



O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO - (Le Déclin de L'Empire Américain). Canadá, 1985. Direção: Denys Arcand. Com Dominique Michel, Louise Portal e Dorothée Berryman.

Falar da crise da cultura atual já é lugar comum. O diagnóstico vem de todas as direções. Só mesmo ouvindo os movimentos não ouvem (ou não querem?) o anúncio de que cada vez os paradigmas: políticos, comportamentais, científicos, filosóficos, etc. etc. Não se trata, como pensam alguns, de comprazer-se na tarefa de Cassandra. A lucidez, creio eu, é bem melhor que a inocência estúpida. É fundamental saber-se em que mundo vivemos. A não ser que queiramos aumentar o número dos "carneiros"... Uma outra questão.

A consciência da crise não é privilégio de pensadores, cientistas ou políticos, ela também se manifesta na arte. Quero considerar aqui o filme do canadense Denys Arcand - "O Declínio do Império Americano" - como expressão desta consciência. De início, equivoca-se quem esperar do filme uma reflexão sobre uma possível decadência política dos Estados Unidos. Outra é a questão, o que está acontecendo na vida real, cotidiana das pessoas, dos habitantes do "Império"? Fórmula utilizada; um grupo de amigos (homens e mulheres), em sua maioria professores universitários, relatam as suas experiências sentimentais, profissionais e sexuais. Em grande parte do filme, as mulheres estão no cultivo da "cultura física, ao passo que os homens se divertem na cozinha, preparando o jantar que reunirá a todos.

A agonia da fé

A crise das instituições sociais, diz uma professora de História, tem como correlato a exacerbação do individualismo. Quando o mundo rui, só resta cuidar de si. Constitui-se o que denominou C. Lasch - "A CULTURA DO NARCISISMO" (Rio de Janeiro: Imago, 1983). O eu é o último território a que o sujeito se apegue, como o naufrago ao salva-vidas. Neste contexto, pode-se entender bem a ênfase na chamada "Liberação sexual". O prazer sexual é ainda um dos derradeiros bastiões da individualidade.

esta agonia da razão sexual" (Jean Baudrillard. ESQUECER FOUCAULT. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, p.23). Trata-se da morte da sexualidade como efeito de sua metástase vertiginosa.

No horizonte sombrio, o fantasma da Aids e da Bomba atômica: o homossexual relata a possibilidade, sempre aberta, da morte em decorrência da violência ou da doença; a estudante pergunta ao professor seu namorado: "Quando vierem os mísseis, nós os veremos?" Qual a razão

Diversas instituições sotrem o abalo decorrente deste processo. A família, (no seu modelo tradicional) vive seus extertores. Vai se optando, cada vez mais, por viver sozinho. Ser "single" passa a ser o ideal e prática de muitos homens e mulheres da atualidade. No filme um de seus personagens (quarentão solteiro) nega-se terminantemente a querer filhos. "Já pensou", diz um deles "ter que aguentar um heavy metal quando se quer ler?" Os filhos passam a ser vistos como estorvo, incômodo, empecilho.

No campo das utopias políticas experimenta-se o descrédito dos grandes ideais. "Não temos mais modelos a seguir", afirma personagem. "Com a falência de marxismo - leninismo não existe mais um modelo de sociedade do qual possamos dizer." É assim que gostaríamos de viver". Configura-se a pós-modernidade, com a crise de todos os "grandes relatos" e suas fontes de legitimação.

Arcand nos oferece um filme "noir". No entanto, ele doura a pílula com doses comedidas de humor negro. Se fosse "sério", seria insuportável. Não é nada agradável a face do mundo no espelho (do filme) refletida. A decadência é fato inevitável. Só nos resta acelerá-la. Deixemos aos crençantes a missão inútil de reanimar cadáveres. A decomposição se alastra qual a Aids. Assistimos à morte de um mundo. Agora é preparar-se para a "nova idade" que virá. Cabe a nós a façanha de criar novos valores.

A vida só é possível reinventada.



"O prazer é todo meu". No filme, todos os personagens são o que poderia chamar, "liberadas" sexualmente. Experimentaram tudo (ou quase) em matéria de sexo: troca de casais, homossexualismo, transas sado-masoquistas etc. "Sem dúvida" - nos diz Baudrillard, "assistimos, com a liberação sexual, com a pornografia etc; a

da vida ante a iminência de sua total destruição? Arcand não dá resposta. Quem quer receitas... no entanto vale o acicate da questão: "Por sermos lúcidos devemos estar deprimidos?" (GRIFO MEU)

A retração do social e o concomitante incremento do individualismo tem, ainda, outras consequências.

Francisco J. A. Santos